

A “ALIANÇA COM TODA A CARNE”: PERSPECTIVAS ECOLÓGICAS NA NARRATIVA DO DILÚVIO

Paulo Sérgio Soares*

Resumo

Uma leitura “ecológica” da narrativa do dilúvio – sobretudo, do seu final, no capítulo 9 de Gênesis, quando Deus celebra uma “aliança com toda a carne”, isto é, com todas as suas criaturas –, em comparação com o poema da criação, em Gn 1, é a proposta do presente artigo. São explicitadas muitas inter-relações entre esses dois textos do Gênesis, principalmente, a presença dos mesmos elementos da natureza. Nesse contexto, ganha especial sentido ecológico a aliança selada entre Deus e sua criação, revelando que, ao invés de uma história de destruição e morte, o dilúvio é regenerativo para toda a criação, pois esta tem a oportunidade de um novo começo, passando do caos ao cosmo. Os humanos somos chamados a compartilhar a responsabilidade pela salvaguarda da paz na criação, pois Deus “pedirá contas do sangue”, isto é, da vida.

Palavras-chave: Dilúvio. Criação. Ecologia. Aliança. Caos-Cosmo.

Abstract

An “ecological” reading of the narrative of the deluge – above all, at its end, in Genesis Chapter 9, when God celebrates an “alliance with all flesh”, i.e., with all his creatures –, in comparison with the poem of creation, in Genesis 1, is the proposal of this article. Many interrelationships are spelled out between these two texts of Genesis, primarily, the presence of the same elements of nature. In this context, special ecological sense the alliance sealed between God and his creation wins, revealing that, rather than a story of destruction and death, the flood is regenerative for all creation, as it has the opportunity of a new beginning, moving from chaos to cosmos. We, the humans, are called to share the responsibility for safe-

* Mestre em Ciências Bíblicas, Doutor em Ciências da Religião, pesquisador e analista de religião e pastoral na PUC Minas. paulinho.soares07@gmail.com

guarding peace in creation, because God “will ask accounts of the blood”, that is, of life.

Keywords: *Flood. Creation. Ecology. Alliance. Chaos-Cosmos.*

*“Somos crianças ao sol
A aprender a viver e a sonhar.
E o sonho é belo,
Pois tudo ainda faremos:
Nada está no lugar!
Tudo está por pensar;
Tudo está por criar!”*

(Milton Nascimento; Fernando Brant, *Solar*).

A primeira aliança de que fala a Bíblia é ecológica: o Criador faz um pacto de não destruição da vida criada, tanto conosco, os seres humanos, simbolizados na família de Noé, quanto com os demais seres vivos da Terra, nós e estes reunidos no termo “carne”¹. Tem em vista, portanto, a preservação da vida no planeta, no sentido mais amplo possível, revelando uma preocupação com o meio ambiente. A relação da narrativa do dilúvio (Gn 6–9) com o poema da criação (Gn 1,1–2,4a) se vislumbra, especialmente, na volta simbólica ao caos, representado pelas águas que tudo encobrem – como as águas no início da “história da terra e do céu”² –, e no novo começo para a humanidade, quando tudo renasce e a beleza da criação é restabelecida.

Essa é uma “aliança com toda a carne”, celebrada após a catástrofe diluviana (Gn 8,21; 9,8-17), que enfatiza o compromisso de Deus com a preservação de sua criação, mas gera também para nós, humanos, deveres concernentes à preservação da vida nesta “casa comum”. Aqui convivem e se interdependem as diversas espécies, nós inclusive, e Deus nos pedirá contas do “sangue”, isto é, do conjunto da vida de toda a criação. O presente artigo propõe uma leitura dessa aliança-pacto em favor de toda a “carne” em conexão com o poema da criação. Quer, assim, contribuir com a reflexão proposta pela Campanha da Fraternidade (CF) de 2017, promovida pela Igreja Católica, cujo tema é “Fraternidade: Biomas brasileiros e defesa da vida”.

Bíblia e preservação da vida

A preocupação com a preservação do meio ambiente, entendendo que a natureza é criação de Deus e seu dom para a humanidade, se manifesta desde os

1. Os ricos significados desse termo serão explicitados na seção “A aliança com toda a carne”.

2. Todas as citações bíblicas deste artigo seguem a tradução da CNBB (BÍBLIA SAGRADA, 2010), salvo quando informada outra tradução.

primórdios da Bíblia. O poema da criação, no primeiro capítulo do Gênesis, apresenta Deus, em seu ato criador, se preocupando em garantir o sustento dos seres vivos, entre os quais nós, humanos (Gn 1,29-30). No segundo capítulo, outro texto sobre a criação, em forma narrativa, apresenta o Criador entregando ao ser humano a responsabilidade de “cultivar e guardar” o jardim (Gn 2,15). Há textos que explicitamente defendem a preservação da natureza, como Dt 20,19-20, que proíbe o corte de árvores frutíferas para levantar cerco a uma cidade contra a qual se está guerreando.

Contrariamente, há textos que tratam de catástrofes na natureza, com graves consequências para os seres humanos, algumas delas em dimensões universais – temática muito presente na literatura apocalíptica. A maioria deles é muito conhecida do povo, sendo quase sempre relacionados à ira de Deus por causa do pecado e ao castigo que ele infringe aos pecadores e rebeldes. O primeiro desses textos é a narrativa do dilúvio (Gn 6–9). Há também as pragas do Egito (Ex 7,14–11,10), as águas do mar encobrindo o exército do faraó (Ex 14,15-31), a terra se abrindo e engolindo Datã e Abiram (Nm 16,23-35), as visões do Apocalipse etc.

Como entender que tais catástrofes sobrevenham por obra e graça do próprio Deus? Não é contraditório afirmar que Deus quer a defesa e a promoção da vida de todas as suas criaturas e, ao mesmo tempo, apresentá-lo como autor da destruição delas? Limitando-se à narrativa do dilúvio, este artigo procurará mostrar que, muito mais do que uma história de castigo e destruição, ela aponta para um renascimento da vida, um recomeço da criação. Tal perspectiva ficará bem clara ao se comparar essa narrativa com o poema da criação.

A perspectiva ecológica na Bíblia já tem sido abordada por diversas publicações, tanto no âmbito católico quanto protestante. No caso de *Estudos Bíblicos*, o número 38 (“Bíblia e Ecologia”, 1993), traz importantes contribuições para esse debate, com destaque para o artigo de Sandro Galazzi, que analisa, no livro de Daniel, as narrativas de Susana (cujo nome significa Lírio) e seu jardim, do louvor das criaturas no canto dos três jovens na fornalha e de Daniel na cova dos leões. Destaca-se também o artigo de Antônio Cruz e Airton Otávio sobre Elias e a seca (1Rs 17). Igualmente, sob o título “Toda a Criação Geme...” (número 21, de 1995), a *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana* oferece excelentes artigos sobre o tema da ecologia. Digno de menção também, nesse sentido, é o livro de Ivoni Richter-Reimer, “*Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: contribuições para um mundo globalizado*”, de 2010.

As Campanhas da Fraternidade sobre temas ecológicos

No Brasil, há quatro décadas as Campanhas da Fraternidade vêm colocando na agenda nacional temas de grande relevância para a construção de uma sociedade que prima pelos valores éticos da democracia, da justiça social, da solidariedade e da paz. Algumas delas propuseram temas ligados às questões ambientais.

A CF-2017 não é a primeira a abordar essas questões. A de 2016, uma campanha ecumênica, já o havia trabalhado, sob o tema “Casa comum: nossa responsabilidade”. A Campanha de 2011, com o tema “Fraternidade e a vida no planeta”, fazia forte apelo à mudança de atitude de toda a sociedade face ao acelerado ritmo de degradação que a Terra vem sofrendo por conta das atividades humanas, especialmente as mudanças climáticas, e cujos efeitos nocivos já estão afetando a vida de milhões de pessoas, além de já ameaçar a qualidade de vida das futuras gerações (CNBB, 2010). A ótica da salvaguarda da Criação foi abordada, ainda que indiretamente, quando, por exemplo, a CF-2004 tratou da questão da água.

Alusões modernas a catástrofes planetárias

Não há dúvida de que, nas últimas décadas, a preocupação com o meio ambiente tem chamado cada vez mais a atenção de muita gente: desde renomados cientistas, políticos, professores, empresários, teólogos etc., até crianças, em escolas nas periferias urbanas e o povo em geral. O fato é que há muito tempo a questão ambiental deixou de ser preocupação apenas dos ‘verdes’ de algumas décadas atrás, tentando salvar florestas, baleias e outros animais ameaçados de extinção, para tomar assento definitivo nas agendas de todos os setores da sociedade hodierna. Desta forma, a proteção ambiental encontra apoio na legislação da maioria dos países do mundo, inclusive o Brasil, com um capítulo sobre isso em sua Constituição Federal de 1988.

Para esse crescente interesse geral pela preservação do meio ambiente, tem contribuído – com certeza, mas não só – a mídia globalizada que, graças à maravilhosa tecnologia das comunicações, expõe em tempo real ante nossos olhos as catástrofes ambientais que ocorrem nas mais remotas regiões do planeta. Popularmente, uma canção brasileira da década de 1980 aborda de forma romântica a preocupação com o que podemos esperar das bruscas transformações que vêm acontecendo em nosso planeta e qual a saída para a humanidade:

Meu amor, olha só: hoje o sol não apareceu.
É o fim da aventura humana na Terra!
Meu planeta, adeus! Fugiremos nós dois na Arca de Noé.
Olha, meu amor, o final da Odisseia Terrestre.

Sou Adão e você será minha pequena Eva.
O nosso amor na última astronave,
Além do infinito eu vou voar, sozinho com você.
E voando bem alto, me abraça pelo espaço de um instante,
Me envolve com teu corpo e me dá
A força pra viver pelo espaço distante.

Afinal, não há nada mais que o céu azul pra gente voar
Sobre o Rio, Beirute ou Madagascar...
Toda a Terra reduzida a nada, a nada mais!

Minha vida é um *flash* de controles, botões antiatômicos...
Olha bem, meu amor: é o fim da Odisseia Terrestre.
Sou Adão e você será minha pequena Eva...
(Rádio Táxi, *Eva*)

A referência à Arca de Noé, na canção, nos remete a outro exemplo de fascínio pelas catástrofes globais, em nossos tempos: o filme “2012”³, megaprodução americana lançada em 2009. Este apresenta sua versão para o caos como um colapso da crosta terrestre, que vai se esfacelando e afundando, fazendo com que os oceanos inundem tudo. Grandes navios foram proposital e cuidadosamente projetados para salvar dessa previsível catástrofe geológica um seleto grupo de pessoas. Não por acaso, o filme termina com a notícia de que, passada a convulsão planetária, uma parte do continente africano – berço histórico da humanidade – foi o único espaço de terra firme que se manteve acima do novo nível das águas, na nova configuração da crosta. Para lá rumam, então, as futurísticas “arcas de Noé”, alimentando nos sobreviventes o sonho de um novo começo para a humanidade na Terra.

Tanto a letra da canção quanto o filme citados acima, com suas reminiscências do Gênesis e do Apocalipse, fazem pensar: estamos realmente caminhando para o fim da vida no planeta? Poderemos evitar o pior, construindo uma convivência que inclua as demais criaturas da Terra? Que futuro estamos garantindo para as gerações que virão?

Do caos ao cosmo: o poema da criação

O poema da criação (Gn 1,1-31) reflete de modo encantador sobre o processo pelo qual Deus deu origem a todo o universo, em termos de uma passagem do caos (desordem, confusão, bagunça, desarmonia, desequilíbrio, feiura) ao cosmo (ordem, organização, harmonia, equilíbrio, beleza). Essa passagem se dá em vários outros processos criativos, bem como nos processos históricos de transformação social. Na arte, por exemplo, se dá a passagem da pedra bruta à joia lapidada, do barro informe ao vaso delicado, da tela em branco ao quadro pintado. Na estética, a passagem do feio ao belo (cosmético é aquilo que embeleza). Na política, a saída da opressão para a liberdade; na história, a superação de um tempo de crise, como nas guerras, para uma nova ordem social de justiça e de paz. Na filosofia, a passagem do não ser ao ser. Na teologia, a passagem da ausência (o nada ou o não feito) à presença (o “assim se fez”, o que agora está aí), do pecado à graça, da morte à vida (COHN, 1996).

3. 2012. Culver City: Columbia Pictures, 2009. Direção de Roland Emmerich.

O esquema caos-cosmo é, portanto, pascal: a primeira ‘páscoa’ do universo é o seu surgimento, seu chamado do nada à existência e esse processo pascal se replica e se desdobra na dialética da história, onde cada situação experimenta a crise, o caos, para superar-se e ressituar-se num novo ordenamento, num novo cosmo. Para os cristãos, o paradigma perfeito desse processo é o evento pascal de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição: “Pois nossa Páscoa, Cristo, foi imolada”, declara Paulo aos Coríntios (1Cor 5,7b)⁴.

A partir dos estudos de Ilya Prigogine (prêmio nobel de física de 1977), Boff (2002, p. 22) afirma que o caos não é apenas um fator negativo, caótico, mas altamente generativo: segundo a Bíblia o universo surgiu do caos inicial⁵. Como veremos a seguir, o dilúvio bíblico representa uma volta ao caos para um novo início; aponta para a nova criação.

A volta ao caos inicial para um novo cosmo: o dilúvio

“O dilúvio não é só uma história de castigo. É uma história de salvação” (CANTARELA, 1979, p. 73). Lido à luz do poema de Gn 1, representa uma volta ao caos inicial para um novo começo de toda a criação. Vários elementos literários presentes nesses dois textos do Gênesis nos permitem traçar um paralelo entre eles, nesse sentido. Os elementos da natureza são a maioria dos casos dessa inter-relação. O primeiro elemento é o mais expressivo, ocupando o lugar central e repetido com insistência em ambas as narrativas: as “águas”. Seu efeito através da ação de Deus é impressionante: no dilúvio elas são o elemento destruidor, provocador do caos: “nesse dia rebentaram todas as fontes do abismo e se abriram as cataratas do céu” (Gn 9,11); por conseguinte, “pereceram todas as criaturas [...]”; tanto os seres humanos quanto os animais [...] foram exterminados da terra” (7,21-23).

Essa sequência é justamente o contrário da ação criadora de Deus, onde as águas são o elemento a partir do qual se organiza o cosmo: “separou as águas debaixo do firmamento, das águas acima do firmamento” (1,7) para assim criar o “espaço”, o “côncavo” onde surgirá a vida; separou as “águas debaixo” (mar) e o “solo firme” (terra), preparando sucessivamente a criação dos vegetais (1,9-12), dos animais aquáticos (1,20-21) e terrestres (1,24-25) e, por fim, do ser humano (1,27). Ao fim do dilúvio, repete-se essa ordem da criação: “fecharam-se as

4. Traduzido segundo *A Bíblia de Jerusalém* (1985).

5. Os termos hebraicos *tohu* e *bohu* em Gn 1,2 são respectivamente traduzidos como “deserta e vazia” (*Bíblia Sagrada* – Tradução da CNBB, 2010, p. 15); “informe e vazia” (*Bíblia Sagrada* - Ave Maria, 1997, p. 49); “vazia e vaga” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 31); “sem forma e vazia” (*A Bíblia Sagrada* – SBB, 1994, p. 3); “informe e deserta” (CANTARELA, 1979, p. 24). Pessoalmente vejo em ambos os termos, associados aos elementos “trevas”, “abismo”, “vento soprando sobre as águas” e “águas”, uma expressão plástica multifacetada do conceito abstrato de *caos*, ausente na cultura israelita, afeita a imagens sugestivas mais que a conceitos genéricos (como “Adão” é uma imagem para o conceito abstrato de humanidade ou do genérico “ser humano”). A esse respeito é muito elucidativa a abordagem de Gallazzi, em *RIBLA* (1995, p. 11-21) a textos do Deutero-Isaias, onde reaparecem essas imagens.

fontes do abismo e as comportas do céu, e as águas foram se retirando da terra” (8,2.3); Noé divisa o elemento seco: os cumes dos montes (8,5) e, finalmente, a vegetação: o ramo de oliveira (8,11), sinal de que acabou o caos.

Outros elementos também confirmam a interligação entre criação e dilúvio:

Poema da criação	Narrativa do dilúvio
“um vento de Deus soprava sobre as águas” (1,2)	“Deus fez soprar um vento sobre a terra e as águas começaram a baixar” (8,1)
“no sétimo dia [Deus] repousou de toda a obra que fizera” (2,1)	no sétimo mês “a arca pousou sobre os montes de Ararat” (8,4)
no primeiro dia da criação, fez-se a luz, a qual, separada das trevas, dá início à sequência de <i>dia e noite</i> , marcando o passar dos dias/tempo (1,3-5)	O fim mesmo do dilúvio se deu “no dia primeiro do primeiro mês”, quando Noé e os animais saíram da arca (8,13) (ver explicação no final desta tabela)
	Nesse mesmo dia, depois de aspirar o agradável odor do sacrifício oferecido por Noé, Deus afirma: “Enquanto a terra durar, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, <i>dia e noite</i> jamais hão de cessar” (8,21.22)
referência às “espécies” de animais e vegetais (1,11.12.21.24.25)	referência às “espécies” de animais e vegetais (8,17.19)
“Deus os abençoou [animais], dizendo: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas do mar, e que as aves se multipliquem sobre a terra’” (1,22)	“para que [os animais] se propaguem pela terra, sejam fecundos e se multipliquem sobre a terra” (8,17)
o ser humano “criado à imagem e semelhança de Deus” (1,26.27)	o ser humano “criado à imagem de Deus” (9,6c)
“E Deus os abençoou [homem e mulher] e lhes disse: ‘Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a! Dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem pelo chão’” (1,28)	“Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra’” (9,1) “Quanto a vós, sede fecundos e multiplicai-vos, povoai a terra e multiplicai-vos nela” (9,7)
“Eis que vos <i>dou</i> [...] todas as plantas [...] e todas as árvores que produzem seu fruto [...] para vos servirem de alimento” (1,29.30)	“todos os animais da terra, todas as aves do céu, os bichos que se movem pelo chão e todos os peixes do mar. Eu os <i>entrego</i> todos em vossas mãos”. Tudo o que vive e se move vos servirá de alimento. <i>Entrego</i> -vos tudo, como já vos dei os vegetais (9,2b-3)

Faz-se necessária uma explicação quanto à informação de Gn 8,13, segundo o qual a terra ficou enxuta “no dia primeiro do primeiro mês”. Esse versículo encontra-se em contradição com o versículo seguinte, segundo o qual foi “no dia vinte e sete do segundo mês” que a terra secou (8,14). Tal divergência pode ser explicada pelo fato que, no texto atual do dilúvio, encontram-se fundidas duas tradições de épocas diferentes: a Javista (séc. X aEC) e a Sacerdotal (séc. V aEC)⁶, cada uma com sua contagem (CANTARELA, 1979, p. 72). De todo modo, do ponto de vista lógico, pode-se pressupor que o v. 13 se refira à retirada das águas de cima da terra, permanecendo esta, porém, ainda encharcada, enquanto o v. 14 se referiria ao total enxugamento do solo, algum tempo depois.

A responsabilidade humana com toda a criação

Como demonstrado no paralelo acima, Gn 9,6c retoma de 1,26.27 a expressão “Deus fez o ser humano à sua imagem” e a insere como justificativa para o Criador “pedir contas do sangue” ao ser humano. Temos aqui a responsabilidade humana para com seu semelhante, mas também para com os demais seres vivos. Tal expressão já descreve por si mesma a responsabilidade de todos e de cada um com a conservação da vida. De fato, a vida (simbolizada no sangue) pertence a Deus, como Criador, mas ele compartilha conosco, criados “à sua imagem e semelhança”, a responsabilidade por ela: “Quem derramar sangue humano, por mãos humanas terá seu sangue versado” (9,6a). Temos aqui o fundamento não só da “justiça de Estado”, como comenta a nota nesse versículo, na Bíblia de Jerusalém (1985, p. 43), mas também da nossa responsabilidade para com a “carne”, com toda a carga de significados que esse termo possui como se verá adiante.

Há, entretanto, um detalhe fundamental na comparação entre os dois textos que dissipa qualquer possível dúvida quanto ao caráter ético-ecológico da narração do dilúvio: ao retomar as ordens de Deus ao homem e à mulher, no poema da criação, o texto não repete a ordem de “*dominar* sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão” (Gn 1,26, reiterado em 1,28, mas sem citar “os animais domésticos” nem “todos os animais selvagens”)⁷.

6. Para as referências cronológicas ‘a.C.’ e ‘d.C.’ (‘antes de Cristo’ e ‘depois de Cristo’), assume-se aqui a fórmula proposta pelo Serviço de Animação Bíblica – SAB: aEC e EC (respectivamente ‘antes da Era Comum’ e ‘Era Comum’). Faço-o por concordar que esta nova forma é ecumênica e respeitosa das culturas e religiões que não têm em Jesus Cristo o marco referencial de sua contagem dos anos. Esse é o caso, por exemplo, do judaísmo, do islamismo, dos chineses etc., cuja cronologia é diferente da adotada no Ocidente, por influência cristã. A ‘Era Comum’ coincide com o calendário cristão ocidental e é referência para todos apenas quando se trata da cronologia universal, por questão de unificação de linguagem. Ela não faz referência a algum evento religioso, como é o caso das formas “antes de Cristo” e “depois de Cristo”.

7. Esse verbo aparece em todas as traduções da Bíblia consultadas. Mas, no novo paradigma que se coloca para a civilização pós-moderna, tem sido entendido como “cuidar”, na linha de Gn 2,15: “cultivar e guardar o jardim”. Veja-se Boff (2000 e 2002).

O verbo “dominar” em Gn 1 tem sido secularmente entendido como um direito divino dado aos seres humanos de usarem da natureza a seu bel-prazer, entendendo-a como “um reservatório físico-químico de matérias-primas” (BOFF, 2000, p. 30). Boff (2000) rechaça essa visão, adotada pelo modelo de sociedade e sentido da vida que projetamos para nós nestes últimos 400 anos: é um modelo que está em crise porque parte do pressuposto de que os recursos da Terra e também o futuro são infinitos. Nesse modelo, a meta da humanidade é o progresso, o crescimento, vistos também como ilimitados. As ciências e a tecnologia são os instrumentos para se alcançar esse progresso. Hoje, porém, se constata que há, sim, um limite para o crescimento e para o progresso. Prova disso é que já não sabemos o que fazer com todo o lixo que produzimos, diariamente, por conta do incentivo a trocar um produto por outro mais moderno, para ficar em apenas um exemplo. A Terra não suporta mais as agressões que lhe fazemos, sistematicamente, para alimentarmos a máquina do consumismo, em nome do lucro sem limites.

Recusamo-nos a rebaixar a Terra a um conjunto de recursos naturais ou a um reservatório físico-químico de matérias-primas. Ela possui sua identidade e autonomia como um organismo extremamente dinâmico e complexo. [...] ela se apresenta [...] como a Grande Mãe que nos nutre e nos carrega. [...] a generosa Pacha Mama (BOFF, 2000, p. 30).

Após o dilúvio, o verbo *dominar* não reaparece na fala de Deus, mas se insiste na responsabilidade do ser humano com a vida que é *entregue* em suas mãos (Gn 9,4-6). Afinal, agora os humanos poderão dispor “de tudo o que vive e se move”, além dos vegetais (Gn 9,3). Deverão, pois, ‘prestar contas a Deus’ do que fazem com a criação: se é para alimentar-se com ela e preservar sua vida e a de sua descendência (subentendem-se aqui as gerações futuras, citadas mais adiante em 9,12, e daí a necessidade de preservar também essas espécies!), então têm a bênção do Criador: “entrego-vos tudo” (9,3b). Mas se é para exterminar, ou seja, “comer carne com vida, com o sangue”, então enfrentarão a justiça divina: “pedirei contas” (9,4.5)!

A justificativa para essa delegação de responsabilidade é: “porque Deus fez o ser humano à sua imagem”. Assim como Deus se compromete livremente a preservar a criação e a vida que Ele criara, também o ser humano é chamado a fazê-lo, porque, feito “à imagem de Deus”, ele é capaz disso, sendo dotado de liberdade e do senso ético da justiça. Essa exigência tem seu contexto na aliança que Deus faz (Gn 9,9-11). Ela é para nós tão mais imperativa quanto mais tomamos consciência de que, historicamente, temos desrespeitado e agredido a natureza pela ganância e pelo abuso, de muitas maneiras.

Se na Bíblia e para muitas pessoas, ainda hoje, as catástrofes e calamidades que se abatem sobre a Terra são determinadas e executadas diretamente por Deus ou, em alguns casos, por seus anjos, a mentalidade contemporânea já percebe nesses fenômenos alguma ligação com aquilo que fazemos. É óbvio que não se

pode atribuir toda catástrofe natural ao ser humano! Mas, hoje em dia, até as pessoas mais simples já conseguem entender que algumas intervenções humanas – como o desmatamento de grandes áreas naturais; as queimadas; a poluição do ar com nossas emissões de gases do efeito estufa e a conseqüente diminuição da camada de ozônio e o aquecimento global; a degradação do solo e das águas, com os agrotóxicos, o acúmulo de lixo e os esgotos; o consumo indiscriminado e o desperdício de energia, entre outras ações agressivas à natureza –, estão relacionadas ao desequilíbrio e violência com que a própria natureza vem se comportando do século passado para cá.

Para Leonardo Boff (2000; 2002), uma coisa está clara: a Terra está doente em grande parte, sim, por conta de determinadas ações humanas. Ele aponta as causas que levam a humanidade a agredir tão seriamente o planeta: a tecnologia altamente energívora, o modelo de desenvolvimento, que não consegue ser “sustentável”; nosso modelo de sociedade, organizada não mais para garantir a nossa sobrevivência e sim o crescimento ilimitado de bens e serviços (economia da acumulação, da abundância, do lucro), onde a Terra é reduzida a um reservatório de matérias-primas a serem exploradas; e a compreensão do ser humano, isolado da “comunidade cósmica”, destacado da natureza, *sobre* ela para dominá-la e não *com* ela, como parte dela, gerando um paradigma social antropocêntrico (na realidade, é androcêntrico, porque exclui a mulher) e utilitarista.

A “aliança com toda a carne”

Em Gn 9,8-17 temos as cláusulas da aliança-pacto que Deus – por sua própria iniciativa – sela com a humanidade, representada por Noé, seus filhos e sua descendência, e *com todos os demais seres vivos* ou, literalmente, “*com toda a carne*” (9,11.15.17). Essa aliança já fora anunciada em 6,18-21. O termo “carne” abrange, num primeiro círculo, “tudo o que vive [respira] e se move” (9,3a): em primeiro lugar os seres humanos e, depois, “aves, animais domésticos e selvagens, enfim, todos os animais da terra” (9,10). Num segundo círculo, abrange também as demais criaturas da Terra: vegetais, animais aquáticos e a própria Terra como ‘espaço’ vital entre “as águas do céu” e as “águas do abismo” (Gn 1,6-12; 7,11).

De fato, na cosmologia bíblica, o universo é pensado em “três andares”: acima do firmamento fica o céu, a morada de Deus e seus anjos; abaixo deste fica a Terra, a morada dos vivos; e abaixo desta, o *Sheol*, a morada dos mortos. A Terra inteira é, pois, a ‘casa’ (*oikos*) que abriga toda espécie de vida e a alimenta; é a ‘mãe’ da qual nasce o ser humano (*'adamah*-Adão é o húmus da terra) e para lá volta, como que aconchegando-se de novo no seu ‘útero-cavidade’, naquele ‘côncavo’ onde é sepultado para o grande reencontro com sua origem (Gn 2,7.19; Jó 1,21).

No pensamento bíblico, os vegetais e os animais aquáticos, por não respirarem o ar, não eram considerados seres vivos no mesmo plano dos humanos e

dos animais. Porém, tanto na criação como no pós-dilúvio, eles são intrinsecamente relacionados à conservação da vida, pois recebem a qualidade-missão de alimentar os viventes. E lembremos bem: os alimentos também estavam na arca de Noé (6,21)! Podemos, pois, concluir que, implicitamente, estes também são contemplados na aliança pós-diluviana. A nota na Bíblia de Jerusalém (1985, p. 21) em Gn 2,21 esclarece: “[carne] é também o corpo inteiro (Nm 8,7; 1Rs 21,27; 2Rs 6,30) e por isso o vínculo familiar ([Gn] 2,23; 29,14; 37,27), ou seja, a humanidade ou o conjunto dos seres vivos (‘toda carne’, [Gn] 6, 17.19; Sl 136,25; Is 40,5-6)”.

Os círculos inclusivos, contudo, não param aí: num terceiro e mais abrangente círculo, a aliança de Deus atinge também o céu, pois o seu símbolo colocado nas nuvens, o arco-íris, “*el arco de las alianzas*”⁸, cria um elo entre o céu e a terra, “[...] como recordação da aliança eterna entre Deus e todas as espécies de seres vivos sobre a terra” (Gn 9,16). Ora, na criação o sol, a lua e as estrelas estão *sob* o firmamento como luzeiros para iluminar a terra e marcar a contagem dos tempos. Fazem parte, portanto, do mesmo espaço vital entre “as águas de cima” e “as águas de baixo” do firmamento, precisamente o mundo dos vivos, a Terra (1,14-17), na cosmologia bíblica. O arco-íris revela um sentido de paz universal, pois simboliza que Deus “dependurou as chuteiras”, como diz Cantarela (1979, p. 72). Melhor dizendo, Deus pendurou na parede o seu ‘arco de guerra’: não vai mais combater contra “todos os seres vivos”, castigando-os “por causa do ser humano”, como acabara de fazer (Gn 8,21). Aqui, podemos concluir que todo o cosmo está agora – de novo! – sob o olhar do Criador, que é o Deus da paz, do perdão e da vida.

Perspectivas abertas por essas reflexões

O relato do dilúvio, lido na ótica exposta até aqui, abre muitas perspectivas para a questão da preservação ambiental: Deus faz uma aliança ecológica, planetária e também cósmica, nela imputando responsabilidades para a humanidade. Ele quer nos ver todas e todos empenhadas/os na defesa e salvaguarda de todas as espécies de vida, na continuidade da sua criação, garantindo não só a paz para as gerações futuras, mas também a existência de cada criatura, pois “Deus viu tudo quanto havia feito, e era *muito bom*”! (Gn 1,31 – grifo nosso). Conclui-se que as coisas particulares são boas em si. Daí a bondade ou beleza de cada ser, nos quais brilha uma centelha divina – inclusive nos “monstros” marinhos e nas feras selvagens, como remarcará Gallazzi (1995, p. 19). Mas o conjunto de tudo, a totalidade, é *muito bom*! Logo, há que se buscar a excelência do e no todo, não apenas do e no singular.

8. Como diz a canção “*Volver a Los Diecisiete*”, de Violeta Parra (1966), imortalizada na voz de Mercedes Sosa.

Quanto à questão de como entender que Deus quer preservar a vida – e nos manda fazê-lo –, mas ele mesmo a destrói, questão essa levantada no início deste artigo, pode-se compreender que, nos textos que narram catástrofes, presentes ou futuras, na maioria das vezes, elas são uma metáfora para a situação de calamidade, de abandono e de descuido para com a vida, sobretudo para com os pobres, desde os centros de poder, em diferentes momentos da história. A narrativa do dilúvio também pode ser lida assim: não como mero “castigo”, fruto da ira divina, mas como uma chamada de atenção para o descalabro em que se encontra a vida do povo e a situação de morte que encobre toda a Terra, por conta do crescimento da injustiça, da exploração e do desprezo da dignidade humana, esquecendo-se de que somos todos “imagem de Deus”.

Perguntado se há esperança para a Terra e a humanidade, Boff (2002, p. 120) apresenta dois sinais de esperança. Primeiro, da crise/caos sempre brota o novo. Com isso, ele evoca a fé pascal cristã: foi preciso que Cristo passasse pela ‘noite escura e terrível’ da morte para que ele amanhecesse na luz da ressurreição. Não estamos hoje em tempos de crise/caos? Segundo, o “efeito borboleta”: um pequeno gesto aqui pode provocar uma tempestade acolá, porque “tudo é inter-retro-conectado com tudo” (conceito da física quântica). “A esperança cristã garante o fim bom da história. Mas não nos diz por que caminho chegaremos lá” (BOFF, 2002, p.119). Essa é a escolha histórica que cada geração terá de fazer, legando às gerações seguintes o aperfeiçoamento dos caminhos até então percorridos e ‘passando o bastão’ para as da frente. Essa é a tarefa que está em nossas mãos, mulheres e homens também deste início de século XXI.

Com a devida modéstia, ao final das reflexões aqui apresentadas sobre o dilúvio e a criação, apresenta-se este poema:

Do sopro divino na flauta do tempo nasceu o universo,
O canto e a dança das águas, dos ventos, o igual e o diverso,
A luz das estrelas, dos sóis e das luas, as noites e os dias.
Divina harmonia regendo no espaço a música arcana,
Palavra criadora gerando a vida na terra humana.

À hora do parto, a água, a terra, o fogo e o vento
Respondem à ordem do Deus Criador, pois chegou o momento
De dar vida aos seres, vestindo-os de gala, de luzes e cores,
Diversos nas formas, contornos e traços, beleza incontida,
Chamando-os, alegres, ao canto e à dança na festa da vida.

“Mares e rios, chuvas, nascentes,
Pedras, montanhas, rochas e areias,
Plantas, florestas, frutos e flores,
Praias, desertos, campos, geleiras,
E vós, humanos, de Deus a imagem,

Vinde à festa, no Éden entrai!
Sede fecundos, na graça vivei!
Sede fraternos, da vida cuidai!”

E fez-se a luz, e a luz era a vida no seio de Deus.
A luz veio ao mundo e encheu-nos de graça, nos fez filhos seus,
Salvou-nos das trevas nas quais mergulhamos por nossos pecados.
Pois nossas escolhas malfeitas feriram a vida criada,
Causaram-nos morte, cessando a festa na terra sagrada.

Os seres da terra esperam ansiosos a Páscoa do Filho.
Em dores de parto a criação geme e espera pra ver o seu brilho. Cuidemos
da vida, da terra, do clima, de toda a criação,
E ao sopro do Espírito na flauta do tempo, na hora bendita,
Seremos de novo chamados pra festa, então infinita:

“Mares e rios, chuvas, nascentes,
Pedras, montanhas, rochas e areias,
Plantas, florestas, frutos e flores,
Praias, desertos, campos, geleiras,
E vós, humanos, de Deus a imagem,
Vinde à festa, no Reino entrai!
Sede felizes, na graça vivei!
Fostes fraternos: a Vida ganhai!”
(Paulo Sérgio Soares, *Festa da Vida*)

Paulo Sérgio Soares

Referências bibliográficas

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 10. ed., 1985 (Coord.: Gilberto da S. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson).
- A BÍBLIA SAGRADA, Antigo e Novo Testamento: *Ondas de amor e paz*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.
- BÍBLIA SAGRADA. Embu: Ave Maria, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA: Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova, 10. ed., 2010.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Ática, 2000.
- _____. *Do iceberg à Arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CANTARELA, Antônio Geraldo. *Adão é brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CNBB. *Texto Base – CF 2011*. Brasília: CNBB, 2010.

COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ESTUDOS BÍBLICOS. Petrópolis: Vozes, n. 38, 1993.

GALAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar. *Ribla*, Petrópolis, n. 21, 1995, p. 11-21.

RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. *Toda a Criação geme*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 21, 1995.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: contribuições para um mundo globalizado*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás; São Leopoldo: Oikos, 2010.